



Escrever, você escuta
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever parte de
uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante
é a minha relação
com a escrita.

"Daqui a três anos,
Antônio vai morrer.

Por enquanto ele não sabe que
já nasceu velho
e que em pouco tempo

esgotará o que
de humano ainda carrega.

Alimenta a ilusão de que sempre
há algo para ver

e acha que viver é
especializar-se no erro.

Reconhece que se casou com a
mulher errada, perdeu quase
tudo em acasos infelizes

e deu mais aos outros do que
estes mereciam.

Mas insiste em ser bom,
já que nada lhe é mais temível
do que o suposto inferno
do depois.

Antônio tem três filhos: duas
moças e um menino.

Prevê que uma das filhas
escreverá sua história
mesmo sabendo

que ela não será capaz de dizer
exatamente tudo o que o define.

O filho chorará sua ausência,
sem pudor,

e adotará a tristeza
como uma espécie de virtude.

A outra filha nunca o perdoará
pelo amor que deu à primeira.

E sua mulher o alimentará com
maçãs ligeiramente ácidas

minutos antes de ele partir e
o sol se por."

Descobri a literatura ainda
muito jovem.

Eu tinha por volta de 13 anos
quando eu comecei a escrever.

Antes disso, eu já tinha um

gosto especial pelo ato de
contar histórias,

pela leitura, fui alfabetizada
muito cedo.

Eu sempre gostei de inventar
histórias, desde cedo.

Simultaneamente, eu senti
necessidade também

de ter um público para ouvir
as histórias que eu inventava.

Aos 15 anos eu já tive uma
experiência com
a prosa de ficção,

porque eu escrevi uma novela
cujos capítulos
foram publicados

no jornal de Patos de Minas,

cada mês saía um capítulo,

e era uma novela toda passada
no mundo árabe,

com direito a camelos,
sultões, princesas,

e isso muito motivada pela
leitura que eu tinha feito de
"Mil e Uma Noites".

Que foi realmente a grande
obra de referência para minha
formação literária,

no campo da narrativa.

Escrevi muito durante essa
adolescência em Patos de Minas,

publicava nos jornais
da cidade,

mas o meu primeiro livro de
poesia só foi publicado em 1984

quando eu já estava morando
em Belo Horizonte.

Eu descobri a literatura,
em um primeiro momento,
com a poesia.

Através da poesia eu ingressei
de forma mais efetiva no mundo
da literatura, da escrita.

Minha grande paixão, primeira,
foi Drummond,

embora já tivesse tido contato
também com a poesia
da Cecília Meireles.

Aliás, lembro que nos meus
primeiros anos de grupo escolar

eu já aprendia a recitar poemas
da Cecília, aqueles dos
tamanquinhos,

então a Cecília tem um peso
para mim, sobretudo,
na minha infância.

Agora o Drummond

me levou de uma maneira
mais intensa

para esse território poético.

E com ele aprendi muita coisa,

tentei imitá-lo
durante algum tempo.

Quando eu era criança,

eu passei a colecionar vidros
vazios de remédio,

que minha mãe tomava muitos
remédios, então eu resolvi
pegar esses remédios,

esses vidros, e montar uma sala
de aula e dar aula para eles.

Colocava um quadro negro,
dava nome para cada vidro.

Eu tinha acabado de entrar no
jardim de infância,

estava fascinada pela ideia de
sala de aula, pela ideia de
quadro negro,

de professora ensinando alguma
coisa com aquele ambiente,

então eu quis reproduzir isso
na minha casa
com esses vidrinhos

e logo depois eu comecei a
contar histórias para
eles também.

Então essas duas atividades
surgiram quase simultaneamente
na minha vida

e me impulsionaram para esse
curso de letras,
era inevitável.

Atividade professora não se
dissocia necessariamente

da minha atividade
como escritora,

acho que uma potencializa
a outra.

Dentro desse espaço do ensino

eu consegui também,

criar um reduto para o
exercício da criação.

Na universidade eu tento,
de alguma maneira,

exercer, exercitar
uma certa criatividade.

Nos ensaios que escrevo,
mesmo em sala de aula,

acho que é importante esse
jogo da reflexão e da
imaginação.

Vida acadêmica exige
um tempo muito grande,

exige uma
dedicação quase que exclusiva.

Eu dou aulas, eu oriento
alunos de graduação
e pós-graduação,

participo de congressos,
de bancas, faço relatórios,

participo de reuniões, enfim,

tenho que publicar muito também,

trabalhos acadêmicos, então,
isso tudo realmente

exige uma dedicação
quase que exclusiva.

Então eu tenho que criar um
espaço para o exercício
da criação,

dentro de todas essas demandas.

Eu gostaria de poder me voltar
mais para o trabalho criativo.

Eu gosto das duas coisas,
eu gosto de escrever artigos,

eu gosto de dar aulas,
eu gosto de pesquisar,

e gosto muito de escrever,
de criar.

Quando estou mais disponível,

quando posso realmente me dar
o luxo de ao mesmo tempo

escrever ensaios e escrever
minhas narrativas

e meus poemas,

eu distribuo meu tempo da
seguinte maneira,

de manhã para reflexão,

para o trabalho da pesquisa,
e a noite é para criação.

Até falei isso para o
jornalista ontem, do tempo,

de preferência com uma taça
de vinho.

Porque o vinho me estimula
a imaginação.

Eu gosto muito de escrever
à noite,

ao som de músicas e com
uma taça de vinho.

Digo que os ruídos do dia,
os ruídos da casa,

os latidos da minha cachorrinha,

as chamadas telefônicas,
os assédios rotineiros,

nada disso interfere,
nada disso me atrapalha.

Geralmente, se eu escrevo
um capítulo da minha ficção
à noite,

geralmente, assim que acordo,

eu retomo o que escrevi para dar
uma burilada,

para tirar os excessos do
álcool, do vinho.

Os excessos do vinho.

Então de manhã eu geralmente
releio o que escrevi,

aparo as sobras

e me ponho
a pensar no que virá depois.

Agora, os artigos acadêmicos,

geralmente escrevo
durante o dia.

Esses demandam uma lucidez
mais em vigília.

Creio que esse trabalho,
esse ofício da palavra,

é um ofício que demanda
paciência, tempo, dedicação.

Nunca fui motivada

por interesses de fama
ou de grandes vendas.

Para mim o mais importante é
a minha relação com a escrita
e com meus leitores.

Claro que todo escritor quer
ser reconhecido, quer ser lido
por mais gente.

Foi uma grande surpresa ter
sido aceita pela editora,

foi um presente, uma dádiva,
um prêmio.

Fui depois indicada
a vários prêmios,

já me sinto premiada por estar
nessas listas,

ao lado de autores
que muito admiro,

autores que são referência
para meu trabalho.

Então tudo isso, hoje,
para mim,

me deixa num estado radiante.

O fato de ter sido publicada
pela Companhia das Letras,

de ter sido indicada a todos
estes prêmios e, sobretudo,

por receber dos leitores um
retorno muito gratificante.



O problema do gênero,
do "O Livro dos Nomes",
é complicado,

porque muitos críticos
e leitores

não consideram um romance,

ao contrário de outros que já
reconhecem essa configuração

romanesca do livro.

Isso faz parte do jogo,

quando eu compus essa estrutura,

quando eu pensei nessa estrutura
e a levei adiante,

eu já esperava que

pudesse causar
algum tipo de confusão

no processo de classificação
da obra.

Me interessa muito essa ideia
do inclassificável,

me interessa muito os jogos
de classificação,

aquilo que se furta
às categorias.

Eu sempre fui fascinada por
obras que têm esse traço.

Mesmo recentemente, na
literatura contemporânea

eu encontro alguns autores
que buscam se desviar

desse formato
rígido dos gêneros literários.

O Jorge Luis Borges, que
misturou contos, ensaios,
poemas

e brincou muito com esses
limites dos gêneros,

então eu quis de alguma maneira
seguir um pouco essa trilha

ao compor "O Livro dos Nomes",
o que não significa
que eu não tenha

apreço pelo romance, romance,

com uma narrativa contínua
e linear.

Tenho, sim,

grandes referências
literárias na minha vida

são de escritores que foram
romancistas plenos.

Penso que meu estilo é um
estilo híbrido,

minha escrita está atravessada

ao mesmo tempo
por uma dicção poética,

por um traço narrativo,

um traço reflexivo,

e também um
traço de oralidade,

porque gosto muito de
aproveitar casos,

depoimentos, frases,

pensamentos que circulam
entre as pessoas,

falas da minha região,

então eu tento

cruzar isso tudo
na minha linguagem.

Foi um processo mesmo,
porque antes eu
escrevia poemas, poemas.

Contos, contos.

Hoje eu mesclo tudo.
Hoje eu misturo esses registros.

E acho que é essa mesclagem
que define hoje meu estilo.

Encontrei um viés
para minha escrita.

Já tentei escrever
um romance linear.

Pensei em seguir um viés
cronológico, mas não consegui,

porque isso faz parte
do meu estilo,

dá um certa ideia
de montagem,

isso está muito presente no que
faço, na maneira que escrevo,

então não adianta eu forçar a
barra para escrever
um romance linear

para depois ser transformado
em um roteiro de filme,

ganhar muito dinheiro com isso,
porque, realmente,

um trabalho como esse
não vai muito longe.

Há um reconhecimento de certa
forma até limitado,

mas em termos comerciais
não é um livro

que tenha uma difusão
muito grande,

que tenha muitos leitores.

Eu tenho a sensação
de que eu consegui, pelo menos,
motivar as pessoas
em algum momento.
Agora, isso não justifica
que eu me dê por encerrada,
por completa na
minha trajetória,
muito pelo contrário, cada vez
que releio "O Livro dos Nomes",
percebo que poderia ter ido
muito mais longe,
me vem ideias, mais
possibilidades até de expansão
desse livro.

Eu sempre vivi num estado de
desassossego,
sempre muito interessada
em tudo à minha volta,
interessada nas artes em geral
e procurei de alguma maneira
aliar minha atividade principal
no campo da literatura
com esses outros interesses,
com essas outras atividades
tão fascinantes para mim.

Como professora eu tive
oportunidade,

então dentro do campo de
literatura comparada,

de estabelecer esses
cruzamentos,

da literatura com o cinema,
com as artes plásticas,

tangenciei em um determinado
momento a psicanálise, mas não
é minha linha de força.

Essa necessidade de estar em
trânsito é inerente a mim.

Eu tento, de alguma maneira,

conjuguar isso tudo,
na medida do possível.

Todo desassossego que se preze
tem que ser "pessoano",

foi Fernando Pessoa que nos
deu essa lição,

do desassossego capaz de

provocar os sentidos e a
imaginação.

E é claro que no ato de
escrever, de criar personagens,

de criar várias narrativas,
várias vidas,

eu exercito mesmo aquilo que o
Pessoa ensinou,

que é esse ato de se
multiplicar em outros,
de se "outrizar",

para construir uma personagem
convicente

é necessário que o
autor entre na pele desse outro,

sinta aquilo

que ela poderia sentir

se existisse de verdade.

Então o processo de escrita,
de criação de personagens

é um processo "pessoano",
inevitavelmente,

eu aprendi muito com o Pessoa
nesse sentido, é um exercício
de "outridade".

Eu tenho um grande apreço
pelos animais,

isso vem também da minha
infância,

sempre convivi com bichos,

tenho uma relação amorosa
com eles,

e agora,

de "Zenóbia" para cá,
eu tenho procurado trazer
à tona esse amor,

esse interesse, essa afeição
pelos animais.

Isso tem a ver também com uma
pesquisa que eu tenho realizado

no campo acadêmico.

Eu sempre procuro conjugar
as minhas pesquisas acadêmicas
com meu trabalho criativo,

porque assim eu
posso aproveitar

a pesquisa para as duas coisas.

Para reflexão e criação.

"O Livro dos Nomes" e o
"Livro de Zenóbia" tem a ver

com a minha pesquisa sobre

catálogos e enciclopédias,
inventários, coleções,
listas, etc.

E esses textos zoo-poéticos,

zoo-narrativos,
têm a ver também

com essa pesquisa que tenho
realizado sobre animais
na literatura.

Mais do que nunca, hoje, eu me
preocupo com essa questão.

Porque é uma questão que não
passa apenas pela literatura,
pelos símbolos,

pelas alegorias,
pelas metáforas,

mas passa também
por um viés ético,

de preocupação com a condição
dos animais no mundo,

na relação dos humanos
e não humanos,

então agora eu tento investigar

a maneira como escritores

de várias procedências

hoje lidam com essa
questão dos animais,

como eles trazem os animais
para sua literatura.

Já completei uma primeira etapa
dessa pesquisa,

até publiquei um livro, chamado
"O Animal",

e agora estou mais concentrada
na literatura brasileira.

Então tenho estudado Clarice,

Guimarães Rosa, Drummond,

alguns autores contemporâneos
como Wilson Bueno, Nuno Ramos,

que têm o que eu chamo de
zooliteratura, que fazem
zooliteratura.

"Lídia, quando menina, gostava
de sentar à beira do rio para
ver os peixes esquivos.

Dia após dia, neles via sempre
a mesma vida, o mesmo

desassossego,

como se para eles repetir o
movimento fosse uma espécie
de estilo.

Isso a surpreendia.

Por que aos peixes não era dado
o fastio?

Lídia, que ainda sente por eles
certo fascínio,

hoje responderia dizendo que
as coisas, por mais repetíveis,

contêm cada uma um rio,
subterrâneo ou de superfície.

Ou seria um ritmo?

Seja o que for, é isso que
garante a elas uma dose de
imprevisto.

Alias, toda a história de Lídia
se resume mais ou menos
neste mínimo:

por mais que ela busque a ordem
dos peixes, algo a desvia."

